

DE LENDA EM LENDA

MD MAGNO

Texto resultante das gravações da Conferência de Abertura e do encerramento do V Congresso Brasileiro de Psicanálise d'A Causa Freudiana do Brasil. São Paulo: Hotel Maksoud, 20 e 23 outubro 1988. Originalmente publicado no Boletim Maisum, no. 80, 01 dez 1989, p. 4591-4605.

Boa noite! Roberto Cheib pediu que algo de novo acontecesse e que pudéssemos, talvez, nos espantar um pouco. Pelo menos, depreendi isto. Espero, não tenho certeza, mas acho que talvez tenhamos que renovar a partir daqui...

Em primeiro lugar, quero agradecer a gentil recepção deste grupo de São Paulo, o CEDP, Centro de Estudos e Desenvolvimento Psicanalítico. O congresso está muito bem organizado, muito simpático, o que já é um bom augúrio. Gostaria de fazer os votos de que este seja o melhor congresso que já conseguimos até hoje, por muitas razões que vocês verão daqui a pouco. Gostaria mesmo que todos ficassem extremamente interessados, que trabalhassem bastante, dissessem o que pensam, trouxessem suas novidades para nós. A acolhida dos paulistas é ótima: estamos regidamente instalados nesta cidade portentosa.

Estamos em 1988 com o congresso aqui em São Paulo. Em 87 tivemos o congresso de Porto Alegre, que foi excelente. Em 86, o de Vitória, nada menor. Em 85, o do Rio de Janeiro. E começamos pelo de Brasília, em 84. Esta é, pois a quinta vez sucessiva em que nos reunimos nestes cinco anos, na tentativa de insistir nisso que foi criado com o nome de *A Causa Freudiana do Brasil*. Este congresso tem como tema *Psiquiatria e Psicologia*, o qual foi sugerido para se fazer a abertura de questões com relação a outros saberes, no caso, duas regiões de saber que supostamente estão aproximadas da região psicanalítica.

O século passado – que, para mim, significa os anos 1960-80, pois os séculos estão durando no máximo vinte anos ultimamente –, abriu uma vertente que rendeu coisas as mais importantes: a reformulação total da epistemologia, a revisão dos saberes em todas as áreas, uma rigorização de cada área em particular... No caso da psicanálise, surgiu o rigor lacaniano que foi da maior importância, inserido na sua época, nos saberes do seu momento e dando conta da sua contemporaneidade a si mesmo. No entanto, a partir de 1980, estamos

vertiginosamente caindo em outro século que precisa ser urgido, ser frequentado, se não, vai acontecer que, outra vez, pelo menos em nosso campo, no campo da ciência, do pensamento em geral, vamos ficar deslocados, ultrapassados pelos acontecimentos. De tal modo que **é hora de começar a pensar tudo de novo**. Isto, a meu ver e ao ver de alguns pensadores e cientistas de nosso momento. Temos aqui também, como símbolo do congresso, uma chave. Chave serve para abrir e para fechar. Vamos ver o que conseguimos fazer com esta.

O tema que dei para esta conversa – que não é bem uma conferência, pois preferi uma conversa genérica em que colocássemos algumas coisas – é *De Lenda Em Lenda*. A palavra *lenda* designa aquilo que deve ser lido. Assim como a palavra *agenda* significa aquilo que deve ser agido, o original latino *lenda* é o que deve ser lido, ou seja, aquilo que entra para os anais de alguma coisa. Com todas as significações que os anais aí possam ter, de inscrição, como se sabe. A lenda em geral é esta precisão de leitura, precisão nos dois sentidos. Mas existe a lenda e existem *alendas*, se quiséssemos lançar mão comparativamente do termo lacaniano de *alíngua*. As alendas são aqui e ali pequenas ocorrências sintomáticas, naturalmente, que portam sua marca estilística; eventos transcritos, que ficam como páginas da história para além de mal e bem, acontecimentos puros e simples. Alenda de Lacan, por exemplo, que pode ser lida (não que tenha que ser compreendida); alenda de Freud; alenda da Escola Freudiana de Paris, em nossa história, na história da nossa existência; na minha particularmente, a de um grupo que me acompanha, alenda do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. E agora, estamos aqui de olho n'alenda da Causa Freudiana do Brasil...

Na abertura, na capa do catálogo deste congresso, somos convocados a “desfazer os equívocos”. Não tenho gabarito para tanto, mas vou tentar pelo menos (não desfazer os equívocos, mas) levar em consideração o mal-entendido... O mal-entendido, Lacan disse que é o lugar em que a gente opera: vivemos falando, trabalhando, operando, funcionando, produzindo dentro do mal-entendido. Se tivermos receio dele, não vamos a lugar nenhum. Mas certamente no que vamos a algum lugar, ou pensamos que vamos, o mal-entendido nos aponta bem outra parte e o fato de nos destinarmos a algum lugar supostamente conhecido nos leva direto para o desconhecido. É o caso, por exemplo, das boas intenções. É claro que todas estas alendas foram transcritas nas melhores das intenções e por isto levaram diretamente para o inferno. Qual será o nosso caso?

* * *

Gostaria de fazer um pequeno histórico disto que estamos lhes apresentando ainda hoje com o nome de *A Causa Freudiana do Brasil*. Essa coisa, ou seja, essa causa, começou dentro de meu Seminário, no Rio de Janeiro. Desde 1975, pelo menos com um caráter oficial, venho desenvolvendo, sem parar, além de outras atividades, um Seminário de psicanálise no Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. É minha tentativa pessoal de conferir alguma coisa de teórico a partir da nossa experiência. Essa construção chamada Colégio Freudiano do Rio de Janeiro – que, na verdade, foi inventado num bistrô de Paris justo em 1975 por mim e Betty Milan (estávamos em torno da figura de Jacques Lacan) – foi produzindo certo tumulto a seu redor. 1975 é a data oficial, mas desde os anos 69/70 que a coisa já vinha caminhando...

Cerca de 1982 para 83, algumas pessoas que estavam ao meu redor começaram a sentir certa comichão migratória, não no sentido de ir embora para outro lugar, mas no sentido de querer (ou aparentemente querer) levar a presença e a mensagem do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro para outras partes da geografia nacional. É nesse momento que certo então membro do Colégio parte para algumas cidades, como no caso de Vitória, no Espírito Santo, e lá começa, pelo menos é a notícia que tenho, a formar grupos de estudos, etc., que vieram a se transformar no Colégio Freudiano de Vitória.

Também por esta data, começo a notar que diversas atividades nossas como, por exemplo, meu Seminário das quintas-feiras, as longas sessões de estudos e de debates que realizávamos por fins-de-semana inteiros e que chamávamos e ainda chamamos de Mutirões, diversas ocasiões oficiais da instituição, pequenos encontros, mini congressos internos que chamamos Ciranda, etc., começavam a ser frequentados (e nós não fechávamos as portas) por pessoas as mais diversas, dos mais diversos lugares e com a frequência constante de grupos como esse de Vitória, por exemplo. Sempre estavam lá trabalhando, estudando e até mesmo oferecendo apoio.

E por causa de uma palestra que eu fizera numa outra instituição do Rio de Janeiro, que ocorria lá no Colégio Brasileiro de Cirurgiões, encontrei uma pessoa que conheci há muitos anos, que tinha sido meu colega de escola militar, que era analista em Brasília e que veio me procurar e se aproximar no intuito certamente de refazer as relações com interesse, a partir de então, no campo psicanalítico. Essa pessoa é Humberto Haydt de Souza Melo, presidente do Colégio Freudiano de Psicanálise em Brasília, que infelizmente não está aqui para conversarmos. Ele começou a frequentar meu Seminário com muito interesse, trouxe seus grupos de estudo lá de Brasília para os mutirões, as cirandas, etc. Muita gente se aproximou. Muita gente conseguiu as informações que queria e se satisfez. Outros pareciam

estar aderidos, não a mim necessariamente, mas à Causa que estávamos operando, que sustentava ou era sustentada na verdade pela referência ao nome de Jacques Lacan e ao seu trabalho, à sua teoria. O que aconteceu é que começou a me parecer sintomático, a repetitividade da presença dos amigos de Vitória, de Brasília, sobretudo, mais do que tantos outros. Ao sentir esta repetição, na verdade metaforizada pelos atos do Colégio, achei que era preciso fazer com isto alguma coisa.

Ocorreu-me, então, e por certas pressões externas inclusive, por outra ordem sintomática, que era a tendência mais ou menos imperativa, a vontade mais ou menos aparente de hegemonia de certo grupo – que se supunha, desde o lacanismo francês, encabeçado certamente por alguém que é herdeiro mesmo, de fato pelo menos, do espólio do *de cuius* – e que fazia certas pressões sobre a nossa situação de brasileiros dentro de nosso país, etc. Precisamos de contato, de conversa, de informação, de conhecimento, sim, mas não de dono: até segunda ordem ainda se é soberano por aqui. Certa pressão que me pareceu tentativa de dominação, de imposição de idéias e de atitudes. Achei que devia aproveitar a ocasião da sintomática repetitiva desses companheiros e urgir uma entidade, uma instituição nossa que nos deixasse à vontade em nossa casa para fazermos as nossas coisas.

No entanto, havia certa linha de pensamento. Não era à deriva que isto acontecia. Naquela ocasião, tentava-se repensar o que fosse a psicanálise na vertente freudo-Lacanianiana em que se tinha engajado o trabalho. Todos, desses três grupos, pareciam estar veementemente empolgados por essa direção, por esse destino. Acontece que isto é uma fonte de mal-entendidos natural.

Com o passar do tempo, então tivemos condições de criar, confesso mesmo que a culpa é minha – não é sentimento de culpa, é culpa mesmo, responsabilidade –, essa instituição que nomeei *A Causa Freudiana do Brasil*. E mesmo chamei por essas pessoas que estavam encabeçando o grupo de Brasília e o grupo de Vitória e propus então que se montasse uma instituição radicalmente nova, a qual seria feita de maneira (e é como está escrito em nossos estatutos) que se evitasse todo tipo de hegemonia, todo tipo de comando, que se deixasse que a coisa acontecesse e funcionasse espontaneamente, já que o começo tinha sido em torno de uma ideia única, e se visse onde fosse dar aquilo. O que significa que a intenção era a autonomia de cada uma das instituições que se organizavam ali numa só. Autonomia absoluta, de tal maneira que não havia nenhuma comandando as outras. Que fosse uma instituição *estritamente congressual*. Que cada uma trabalhasse suas questões durante o ano inteiro e que, ao final de cada ano, a gente se reunisse sob os auspícios absolutamente

independentes daquela instituição que estivesse no momento na fila (pela ordem sorteada ou combinada) de ficar com o comando da instituição.

Então, a cada ano uma das instituições-membro ficaria absolutamente comandante da instituição chamada A Causa Freudiana do Brasil. Que ela com seus meios, com seus recursos e até com independência financeira – porque é dessa instituição o evento; se houver lucro, ótimo para ela; se houver prejuízo, coitadinha –, mas que cada uma fizesse como achasse, dentro de suas possibilidades, com os meio que tivesse e convidasse as outras para conversar sem que nenhuma tivesse alguma hegemonia.

Acho que é uma ideia interessante à medida que deixa cada instituição livre, sem ter que prestar obediência a outra ou sem ter uma direção central que comande o que se deva fazer. E até me parece uma coisa radicalmente nova, pelo menos no seio das instituições psicanalíticas. Geralmente ou são instituições isoladas ou se pretende assumir o controle geral – como é o caso da IPA e como vem sendo o caso da multinacional de psicanálise que é a Escola da Causa Freudiana –, uma tentativa de, em suma, dirigir tudo a partir de um centro único. Não há nada contra, é uma maneira de ver. Mas achei que esse novo tipo de experiência deixaria todos à vontade até mesmo para que eventualmente algum brilho, alguma liderança de pensamento reconhecido, pudesse até agremiar esse povo em torno de uma ideia qualquer. Não estamos livres disto...

Bem, de lá para cá uma espécie de filial da instituição de Brasília – não vejo nada de mal nisto, afinal quase poderíamos dizer que o Colégio Freudiano de Vitória se não o é, pelo menos começou como uma quase verdadeira filial do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, à medida que determinado membro do Colégio organizou aquilo lá: mas existe cordão umbilical, existe parto e existe corte do cordão – se instalou em Goiânia. Muito bom, também compareceram sempre aos nossos encontros, começaram a frequentar Seminários meus, mutirões do Colégio, etc. Todos entrando num certo roldão bastante lacaniano, onde havia muito pouco de meu: a figura estudada e exalçada em sua produção era Lacan e sua Escola.

Posteriormente, justo no congresso de Vitória, tivemos o imenso prazer de conhecer o grupo de Porto Alegre, que é a *Maiêutica*, que trabalhava por conta própria já há bastante tempo em torno das mesmas questões. E por simpatia, por interesse recíproco, conseguimos – a verdade é esta: foi A Causa que tentou seduzir a Maiêutica para se aproximar da gente – aumentar nosso percurso, as pessoas com quem conversarmos, etc., e foi daí que resultou um congresso gentilíssimo em Porto Alegre.

Já em Porto Alegre sentimos a presença bastante interessada deste grupo de São Paulo, extremamente simpático, interessado em nossas questões. E também (não sei se isto é muito bom na história) foi seduzido, literalmente. O que não diminui a culpa deles porque a gente pode ser seduzida e não dar, não é? Dá quem quer. Porque gostaríamos muito de participar de alguma coisa aqui em São Paulo e estávamos sem ninguém por aqui. Não que não haja lacanianos em São Paulo, e até instituições lacanianas, talvez da melhor estirpe, mas que certamente não gostam muito da minha companhia. Devem ter suas razões...

Então, assim muito gentilmente, eles se interessaram, entraram para A Causa e até ficaram com uma batata quente na mão. Uma batata muito quente e até lhes digo que qualquer deslize que achem na organização deste congresso não ponham a culpa neles porque são mais vítimas, a meu ver, do que algozes. Explico: é porque o mesmo ex-membro do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, com excelente talento para mascate, para caixeiro-viajante, o que não é de se jogar fora (não é todo mundo que tem um talento destes), tinha esta intencionalidade de percorrer jesuiticamente o país e agremiar pessoas e começar instituições, etc. E segundo me contam – eu não tive o prazer de participar –, ele começou a aparecer em São Paulo, ou foi convidado para alguma conferência desta instituição, e começou a nos fazer a cabeça de que havia um grupo aqui que estava estudando com ele, que ele estava podendo orientar, que estava cerrado em torno de certas ideias que ele trazia e achei isto interessante. Prefiro errar pela ingenuidade do que pela má vontade. Estão fazendo? Ótimo! Façam! Que maravilha!

O significante já era outro porque a história não foi pela mesma via de entrada, não é? Até acho interessante. O ego fica um pouco acarinhado de ver que um significante que se lança na praça pode até virar moda, não é nada mal a gente ter uma *griffe* repetida. A palavra Colégio Freudiano do Rio de Janeiro acabou fazendo uma série de colégios freudianos por aí e acho isto muito interessante. Nada tenho contra, embora cada um tenha seu modo de ver. Aqui no caso não era, era esta outra instituição chamada Centro de Estudos e Desenvolvimento Psicanalítico.

Foi interessantíssimo conhecê-los, mas eles tiveram que se virar sozinhos, porque o tal membro do Colégio Freudiano que nos dizia estar por dentro de tudo, estar dando todo assessoramento, toda informação, segurando a barra junto com eles, parece que os deixou na mão e não nos informou disto. De tal maneira que estamos metidos numa situação difícil de eles terem que montar um congresso, para cumprir a palavra, para serem honestos, mas um pouco desarvorados em relação à história da instituição e mesmo aos tiques da organização.

Então, acho que estão com toda a razão de se sentirem um pouco deixados de lado, mas foi ingenuidade da gente acreditar que vocês estariam bem assessorados por essa pessoa que hoje não pertence mais ao nosso meio, *et pour cause...*

A coisa se fundou assim e nós temos caminhado por aí dentro desta estruturação. Só que me sinto muito à vontade – porque sou, na verdade, em última instância, o causador da maratona, o que trouxe as invencionices para dar no que deu, o que tirou da cartola o coelho (lá posto anteriormente, é claro) da tentativa desta institucionalização – para fazer um balanço disto tudo, para rever esta coisa toda, para questionar da existência desta instituição chamada A Causa Freudiana do Brasil e para me perguntar sobre sua possibilidade de futuro.

* * *

Para quê existe A Causa Freudiana do Brasil? Ela existe muito bem no âmbito social, é simpático todo ano nos encontramos em outra cidade, com pessoas gentis, que nos tratam muito bem, que inventam uma maneira de fazer congressos onde até acontece de a gente ouvir trabalhos inteligentes, novidades, questionamentos, etc. Só que isto é mais da ordem do encontro social do que da produção efetiva. Fica-se naturalmente tão entusiasmado com o fato de poder passear, encontrar os amigos, que a tentativa de pensar vai um pouco para o brejo... É agradável, é um descanso no meio do ano de trabalhos, mas a efetividade dos princípios de onde isto partiu, a questão de estes princípios estarem efetivamente funcionando, de se estar realmente caminhando para algum lugar, esta eficácia dos princípios me parece que se rompeu por diversas razões.

Quero supor até que pode ser um efeito secundário do próprio modo de institucionalização. Ou bem porque essa ideia que tive de um grupo de instituições absolutamente sem hegemonia, sem centro, não sirva, não funcione ou não dê ainda para funcionar em nosso estágio de cultura. Isto no mundo inteiro, creio eu, não é questão do Brasil, pois não conheço esta experiência em lugar nenhum. Pode ser também que seja porque, para ser contundente, efetivo, produtivo, um tipo de destino desses tem que ser traçado talvez sob uma lei um pouco mais rígida, um pouco mais férrea de indicação dos princípios dos quais não se pode abrir mão e até mesmo na constituição de uma hegemonia. Isto para mim não é uma resposta, é uma questão.

Mas parece que o mal-entendido vigorou com muita frequência e até mesmo chegou a corroer o que seria de mais importante na constituição da tarefa. Quer me parecer que, estando

entre ditos analistas, é de se esperar que haja escuta, deixando-se questionar de qualquer modo que se queiram as coisas. Mas desde já o primeiro congresso – que a meu pedido e insistência foi em Brasília, e não no Rio de Janeiro de onde partiu a ideia, justamente porque eu queria começar pela Capital do País, achei que era mais interessante – que me assustei com certo mal-entendido. É que começou a parecer que, deslocadas de dentro do meu Seminário, de dentro do meu mutirão, em outro lugar, as pessoas não estavam gostando que se questionassem suas reflexões. Acho que fica improdutivo organizar-se um congresso onde cada área de pensamento ou cada indivíduo até, que refletiu sobre alguma coisa, não possa colocar, mesmo veementemente, suas questões a respeito do que se está dizendo.

Começou a me parecer que devia haver assim um grande consenso a respeito do que os ditos lacanianos d'A Causa Freudiana do Brasil dissessem: o que disserem aqui dentro, o que nossos amigos disserem, é maravilhoso, não se discute. A gente sabe que por mais que se estude, por mais que se queira teorizar com rigor, está-se sujeito a chuvas e trovoadas: é preciso haver o debate, que o outro me questione. Não é questão de se deve ou se pode, é necessário haver isto como uma condição de se operar. Eu mesmo, quando começou o congresso de Brasília, comecei a colocar questões, porque ninguém colocava, pois é preciso criar esse ambiente. Participei de outras reuniões e sei que é assim, que muitas vezes o sujeito coloca algo com a melhor das intenções, com rigor, com estudo, mas devemos questionar, pois é a única maneira até de ajudá-lo a refletir sobre aquele troço. Em todo lugar onde o saber procura se constituir, a coisa é assim.

Já daquela vez me assustei um pouco porque o mal-entendido vigorava por aí: não se pode questionar a fala do presidente da instituição X. Coisa que não ocorre comigo, pois qualquer um, até a lavadeira, se resolver, pode me questionar. Ela talvez não saiba responder, mas me questionar ela pode, quanto mais um colega. Se eu não souber responder, não sei responder. Se puder colher alguma coisa do que me disse, tanto melhor. Mas estou sujeito a chuvas e trovoadas. E me parece esquisito que, sobretudo um que se supõe analista, não se veja constantemente nesse mau tempo ou bom tempo – dependendo das idiossincrasias da deusa Fortuna a respeito do tempo, nos dois sentidos, o cronológico e o das ocorrências atmosféricas.

Aconteceu que, para meu espanto (que bom que ainda pude me espantar com alguma coisa), começou a ser criado um hábito dentro dos nossos congressos – hábito que abomino – de as pessoas se reunirem para, dentro da questão do pensamento, do estudo, do debate, ir a um congresso para escutar os mesmos, cada um escutando seus companheiros. Não é, então,

permitido, pelo menos na linha inferior do discurso, nas entrelinhas do discurso, parece não ser de bom tom que se debatam veementemente as questões. É uma ciumeira enorme a respeito dos brilharecos congressuais que fulano e sicrano possam ter. Ora, mas não se fez um congresso para que eventualmente algumas estrelas possam nos dar uma luzinha? Pessoalmente não tenho razão nenhuma para temer que um outro pense, que um outro brigue. Pelo contrário, registrarei mediatamente...

Então, essas pequenas quisquilhas acabaram, a meu ver, transformando A Causa Freudiana do Brasil numa excelente instituição capaz de organizar congressos aqui e ali com a maior simpatia, um barato de férias no meio do ano, extremamente divertido, mas altamente improfícuo. Altamente improfícuo em sua destinação, não que isoladamente fulano e sicrano não tenham produzido coisas excelentes nesse período. Até mesmo quero acreditar que, no âmbito brasileiro, o que se publica de nossos congressos tenha um pouco menos de bobagens do que instituições enormes, conhecidas, de diversas esferas. Apesar de tudo, produzem-se coisas. Mas poderia ser mandado pelo correio, dava quase no mesmo. Não há discussão, não há divulgação de princípios, de ideias novas. Ou, se não, aparece assim um torrencial de sandices, e na verdade ninguém se acha com autoridade para ir contra esse bobajal dos guajás ou coisa parecida. Então, todos ficam mais ou menos aprisionados pelo interdito, ou pela pressão superegoica mesmo, do “não é de bom tom”. Isto, a meu ver, está completamente fora.

Acontece também que, pelo presente momento, eu pelo menos acho, e tenho tentado endereçar por aí os que me escutam, que é preciso mudar. É um momento delta necessidade de mudança. Falo muito à vontade nisso porque poucas pessoas, como eu, foram divulgadoras insistentes e veementes do pensamento de Jacques Lacan neste país. Poucas pessoas, como eu, insistiram e trabalharam no sentido de fazer com que esta vertente fosse introduzida no Brasil. Então, me sinto muito à vontade para criticar, não Jacques Lacan enquanto autor (enquanto pessoa, nada tenho a dizer dele: ele era apenas Jacques Lacan), criador de uma visão rigorosa da psicanálise: uma releitura estritamente poética e científica do pensamento freudiano. Não há como ultrapassar alguém desta dimensão, isto não é ultrapassável, isto é uma fonte de recorrência *ad aeternum*. O que tenho para criticar é a pressa, a rapidez com que os descendentes do efeito secundário da existência de Lacan caíram num verdadeiro marasmo. Considero hoje em dia que o chamado *lacaniano* está gagá. Não caberia, por exemplo, na cabeça de um Jacques Lacan que a psicanálise fosse aquilo que ele disse até hoje, ou até

amanhã, que fosse aquilo que ele estava dizendo. Ele nunca se esqueceu de nos lembrar que a psicanálise é (e a única definição possível dela, para ele, é que a psicanálise é) a pergunta: “O que é a psicanálise?” Ou seja, se ela não for reconstruída a cada momento, por cada analista e a cada época em função da disponibilidade pensante que há no mundo, como ele o fez – e foi absolutamente contemporâneo de si mesmo –, ela simplesmente se torna um fóssil como se tornou ou se fantasiou, se travestiu de psicanálise na chamada IPA (que ficou fixada em meia dúzia de trejeitos a respeito da prática analítica e a respeito do que fosse a teoria psicanalítica) que, felizmente, parece que hoje até está com interesses maiores de crescimento do que os próprios ditos lacanianos, o que é uma grande surpresa. Quer me parecer, então, que era momento de abrir a questão de re-tomar tudo, re-fazer o pensamento, re-questionar.

As ciências estão se movendo, os pensadores não pararam, o mundo se transforma e traz notícias novas. Não é possível pensar que nenhum criador, num certo momento, caso de Jacques Lacan, por exemplo, tenha esgotado as possibilidades de uma via. O que se pode verificar, e é verificado a qualquer momento, é que, por mais abstrato, por mais purista que seja, o pensador está inserido necessariamente no Inconsciente de seu tempo. O Inconsciente não é absoluto, ele está adscrito à temporalidade, ele progride, cresce, acrescenta à massa significativa que está disponível para o seu exercício inconsciente de tal maneira que os efeitos sobrevivem. A própria estruturação do Inconsciente, seu desenho, seu *design*, tal como trabalhado por Freud, por Lacan e por tantos, é a demonstração dessa mágica que devora tudo, que opera tudo e que, portanto, cresce constantemente. E não posso constituir teoria a partir de campo fechado de um conjunto datado de saberes; e não posso, na prática analítica, manter os mesmos manejos, as mesmas modas de funcionamento, porque o Inconsciente deglute, come, isso tudo.

Vamos tomar um chamado Jacques Lacan, por exemplo, e ver como ele foi capaz de inventar um jogo significativo para deslocar o Sujeito amarrado aqui e agora numa determinada paralisia significada de um termo. Esses famosos jogos de palavras de Lacan, isso está em qualquer parte da TV Globo hoje em dia. Isso passou ao mundo, vindo de Lacan ou não, isso está na publicidade, na propaganda: já foi comido pelo Inconsciente e está na prática social. Então, se o analista não acompanha o Inconsciente em seu movimento e não repensa modalidades de fazê-lo mover-se onde ele outra vez se paralisou apesar das invencionices de agora há pouco, ele estará fazendo o quê? Estaremos incompetentes, incapazes, de lidar com essa máquina que é cheia de surpresas, que cresce e que come tudo o

que está à volta. O Inconsciente não me pertence, sou eu que pertença a ele. Portanto, quando estou indo ele já foi e voltou.

Tudo isso me faz questionar a respeito da necessidade de mudança, de se fazer coisas. Sobretudo, no que diz respeito à existência dess'A Causa Freudiana do Brasil, que se disse em sua ordem estatutária descendente de Freud e de Lacan e que, por encaminhamentos políticos interesseiros, sintomáticos, de competência maior ou menor, de deslizes, etc., não pôde, a meu ver, *dizer* com precisão, continuar nesta vertente. À medida que, até algumas instituições-membro degradingolaram para vertentes as mais esquisitas – não digo que não sejam válidas, mas às vezes de aparência solipsista – não só em relação ao campo lacaniano, mas em relação ao saber contemporâneo.

* * *

Daí foi que comecei minha conversa de hoje. Comecei dizendo que faço questão de que este seja o melhor de todos os congressos. E agora digo que apesar do que estou dizendo, do que vou dizer, que é apenas uma questão que amplia o futuro, que a gente se esforce para que este seja o mais interessante e o mais profícuo de nossos congressos. Entretanto, acho que uma coisa que o analista deve saber é quando encerrar uma sessão, e pensei até em deixar para falar o que vou dizer agora em outro momento. Mas pude refletir e achei que seria deselegante e talvez mesmo desonesto não colocar isto de saída. Até mesmo para ser motivação da balbúrdia inconsciente de nosso congresso. Vai ser uma pimenta no olho de nosso trabalho, desta vez.

Como disse, me sinto à vontade. Talvez outro não tivesse a coragem de fazer isto, mas me sinto à vontade porque tive a coragem de ter a ideia inaugural e posso ter esta outra coragem também. Me sinto muito à vontade de, referindo-me a esta assembleia de hoje – esta parte de nosso estatuto ficou meio vaga e parece que lá se indica que o Conselho formado pelos presidentes das instituições-membro resolvem muita coisa, mas em última instância é a assembleia geral na figura de cada um dos membros efetivos destas instituições em sua somatória que constituem esta assembleia e é diante dela que estou começando, e todo final de congresso tem essa reunião de novo. O conselho decide, mas traz à assembleia geralmente para aclamação. Resolvi, então, colocar, de saída, diante desta Assembleia, que devo pedir ao Conselho e a esta assembleia a **dissolução d'A Causa Freudiana do Brasil**.

Por isso é que quero que este seja o melhor congresso. Gostaria que isto acontecesse para terminarmos com chave-de-ouro, como inscreveram na capa do catálogo. Com um grupo maravilhoso, numa cidade maravilhosa, num congresso maravilhoso, que encerrássemos esta via, encerrássemos um período da história para que pudéssemos vir a pensar outra possibilidade. Que nos liberássemos desses estatutos, que nos liberássemos mesmo da questão sintomática, da pinimba de um nome como Escola da Causa e que dissolvêssemos isto e nos dêssemos tempo para repensar essa questão e criar algo mais compatível com a modernidade de nosso século que, a meu ver, começou em 1980. Portanto, como estão vendo, não estou querendo entristecer este congresso, e sim que ele seja uma virada de página e para melhor. Outra coisa, liberada de cacotes históricos, liberada de mal-entendidos, para criar outros mal-entendidos pelo menos, porque este a gente já viu como é. Não posso impor isto. Estou pedindo ao conselho d'A Causa, e à Assembleia que, no término, que espero seja festivo, deste congresso, encerremos A Causa Freudiana do Brasil. Para quê? Para partirmos para outra que desejo seja melhor.

* * *

• Pergunta – *Que indícios você tem, nos acontecimentos que estamos vivendo, para apontar que começamos um novo século em 1980? Que fatores você considera prevalentes nessa questão e como você acha que esses fatores estão indicando o caminho da psicanálise?*

A datação que estou fazendo é um pouco forçada. Estou dizendo 1980, anos 80, porque Lacan desapareceu fisicamente por aí, em 81. Se acompanharmos o pensamento de Lacan, veremos fases diversas nele. Não preciso falar disto porque vocês já leram, está publicado por outros autores. O próprio Jacques-Alain Miller tem um trabalho bastante interessante a respeito dessas fases de Lacan. E há, sobretudo, essa massa de produção no último Lacan, de que as pessoas evitam falar, que começa a rasgar, pelo menos como pergunta, muita coisa que ele não tinha trabalhado. Concomitantemente, não é o pensamento de Lacan que é fraco ou esteja fora de época, muito pelo contrário, se tentarmos dar conta do escopo geral da via lacaniana ainda há que chegar perto dele. Mas acontece que, ao redor, as coisas começaram a acontecer, de repente, de maneira brusca, em campos que estavam um pouco fora de moda. Por exemplo, nas chamadas ciências humanas – se quisermos incluir a psicanálise, a sociologia, a psicologia, a teoria literária, certos aspectos da lógica também estavam dando conta das ciências humanas –, as coisas tiveram um fervilhamento enorme entre os anos 60 e 80. Todo mundo sabe, por exemplo, da influência pesada, forte, do pensamento francês nessa ocasião. Nomes que se destacaram com muita veemência e que

foram importantes, que abriram caminhos novos. Toda essa turma: Jacques Lacan, Michel Foucault, Lévi-Strauss, Deleuze, Derrida, Barthes...

A impressão que tenho é de que, no momento, a França intelectual está sem pai nem mãe. Aquele pessoal foi morrendo, envelhecendo, ficando conhecido, estudado e, na verdade, o que está acontecendo é que está se academizando este tipo de pensamento. Isto virou assim um material universitário, lugar onde a gente sabe que frequentemente, infelizmente, perde-se o vigor porque começa a ficar mais didático do que eficaz. Como disse, a França me parece aí meio sem pai nem mãe. Basta vermos os textos que os jovens pensadores estão escrevendo, como esse último livrinho de Bernard Henri-Lévi sobre a questão da cultura e do pensamento e o de Alain de Finkienkraut, que saiu agora também em português. O pessoal está assim meio desvairado.

No campo da psicanálise, Jacques Lacan foi um susto. Foi também um rigor, mas acho que *lacaniano* já está ficando igual a “freudiano”. Foi mais rápido o envelhecimento – não de Lacan, mas dos lacanianos – do que os dos freudianos. A coisa está acadêmica, já outra vez se fantasiando de aparelho médico... Repetição chata de frases feitas, matemização postiça, sem entendimento dos processos, sem referência à experiência. Costumo dizer que fui lacaniano e que, agora, *sou* Lacan – equivocação bastante grande. Sigo no que sou, eu sou Lacan, como se diz por exemplo no interior do Brasil e até mesmo no Rio de Janeiro. O sujeito não diz “sou flamenguista”, sim “sou flamengo”. Guimarães Rosa, quando toma um grupo armado eficazmente numa certa guerra, o sujeito não diz “sou da fazenda do senhor fulano”, e sim, por exemplo, “nós somos os Medeiro Vazes”. Nítidos inseminados – não representantes – por determinado exemplo de mestria. Não é nem encharcado de um fechamento teórico. Mais vale Lacan ser um exemplo de mestria do que seu fechamento de teoria. Então, é isto que digo: não sou lacaniano, sou Lacan.

Mas em áreas insuspeitadas – porque tinham sido criticadas até em seu aspecto discursivo de base, como o discurso da ciência, por Lacan – estão aparecendo formações mais “delirantes” do que os analistas estão conseguindo produzir para si mesmos. Está ficando uma aventura do Inconsciente mais interessante de se estudar um físico do que estudar uma revista de psicanálise, que é uma baboseira. Isto é grave, pois até que ponto uma coisa se academiciza de tal forma que se encontra mais vida de sua questão noutra área? E isto me fez começar a refletir e achar que é preciso a gente saber o que está acontecendo ao redor. Por que os físicos estão dizendo essas coisas tão delirantes? Por que os lógicos começam a aprontar lógicas outras com uma veemência enorme? É claro que Lacan pretendeu nos trazer a tal lógica do

significante, que é extremamente sensível, mas ainda não formulada. No campo das ciências ditas naturais, as coisas estão muito mais ciências humanas. Estou espantado! A física está se tornando uma ciência humana e a psicanálise não consegue achar corpo, não consegue ter físico.

Ora, o que está acontecendo é que, desses anos para cá – talvez porque o silêncio dos que estavam na moda e na crista da onda tenha permitido –, começam a emergir pensamentos novos da maior importância. Por exemplo, a cosmologia contemporânea me parece perfeitamente compatível com conceitos fundamentais de Freud. Por que não pensar aquilo? Qual o tamanho do Inconsciente? O que ele abrange? As lógicas disponíveis me permitem muita abertura. A biologia está mudando de casa. A psicanálise ficar surda a isto é academizar-se, é juntar um bando de pessoas que, outra vez, se congratulam de sua convivência, se acariciam reciprocamente os egos no atual saber a respeito do Inconsciente e podem estar simplesmente perdendo seus pontos.

Não tenho a menor intenção de largar de mão o exemplo de Freud e sua mestria, o exemplo de Lacan e sua mestria, na constituição desse campo novo. Lá está quase tudo. Mas Freud foi absolutamente contemporâneo de si mesmo – coisa rara, já que, geralmente, somos contemporâneos pelo menos de algumas décadas atrás –, Lacan foi absolutamente contemporâneo de si mesmo e tentou trazer as pessoas a essa contemporaneidade. Acho que se tem que insistir nisto, nos dar conta do que por aí se está pensando. Foi importante certo distanciamento na hora e na vez de Lacan, pois a psicanálise era uma colcha de retalhos, era a casa da mãe Joana. Quando ele fez certo retraimento, uma leitura rigorosa, distinguindo campos e se separando demais dos outros saberes, foi porque, naquele momento, as outras áreas mudaram. Hoje, precisamos conversar. Precisamos tornar a psicanálise para o campo da ciência, uma vez que a ciência não tem os preconceitos epistemológicos que teve até ontem. Então, é preciso ir para a frente, acompanhar o movimento do Inconsciente, não determiná-lo, e sim deixar-se determinar por ele.

• P – *Num dos últimos Seminários, me parece que de 1976/77, Lacan coloca uma frase mais ou menos assim: “Eu ensaio ir além do Inconsciente”. E diz isto referindo-se ao Seminário que está programando. Você, hoje, coloca a necessidade de acompanharmos o movimento do Inconsciente. Então, a questão é: o que poderíamos pensar deste “ir além do Inconsciente” neste momento em que é urgente uma necessidade de reformulação e de inovação para a psicanálise?*

Não sei responder a isto, mas vou tentar. Quero supor que Lacan sabia o que estava dizendo quando disse isso. E até acho que tem razão em pedir que se vá além do Inconsciente, como ele fala num amor para além da lei. É extremamente difícil, se o Inconsciente, segundo ele mesmo, se estrutura como uma linguagem, de escapar do binômio lei/desejo, segundo a própria vertente lacaniana.

Quero supor que o desejo de ir além do Inconsciente é maior, como escopo desejante, do que o desejo pelo menos de escutar e acompanhar o movimento do Inconsciente. Resta saber se posso me permitir tentar ir além do Inconsciente antes ainda de conseguir escutá-lo e acompanhar seu movimento. Essa coisa me parece menor do que a outra. Se conseguimos ao menos escutá-lo e acompanhar seu movimento – “acompanhar” pode ser até do lado: de repente, o sujeito é um pouco mais veloz e anda quase que junto, como Lacan parece ter andado –, isto é condição *sine qua non* até mesmo para desejar ultrapassar o Inconsciente. O que será isto que Lacan quer com ir além do Inconsciente? Isto é o quê? Ir ao real? O real lá dele Lacan? Como tocar esse real? Fica um pouco difícil para mim entrar por aí porque justamente faço o caminho inverso. Ao invés de ir além do Inconsciente, me viro trabalhosamente para ampliar o conceito de Inconsciente. Não sei se é por aí também que Lacan estivera pensando, já que me parece que ele não esclareceu este ponto. Em minhas últimas investidas pretendo fazer com que o Inconsciente, enquanto verbo (originado do verbo e lugar do verbo), possa abranger a existência mesmo da materialidade das coisas. Tenho abandonado ultimamente o conceito de Inconsciente adscrito estritamente à fala do falante, e procuro entender o Haver como certa fala. Ao invés de inserir o Inconsciente no campo do Haver, tratar o Haver como Inconsciente. Quem sabe esta era uma das intenções de Lacan? Não posso dizer.

• *Manoel de Lemos Barros Neto – O tema é equivocante: é o que está em nossa capa, o que está na nossa mensagem. Soube que foi você, lá em Porto Alegre, quem chamou o tema deste congresso de um tema equivocante. E foi a partir daí que desenvolvemos nossa mensagem e fomos buscar em Shakespeare o complemento para ela. Então, fomos de você a Shakespeare. Os trabalhos estão aí no programa e esperamos que façam jus ao tema Psiquiatria e Psicologia. Quando você, então, inicia o discurso desta noite, De Lenda em Lenda, uma de suas primeiras afirmações é quanto à abertura de questões. E creio que temos que começar mesmo pelo tema, que é uma questão que está aberta. O congresso é de psicanálise e, entretanto, o tema é psiquiatria e psicologia. A primeira questão aberta por*

este congresso é seu próprio tema e entendo que a oportunidade, já nesta noite, é muito boa para que se abra mais esta questão.

É óbvio que eu talvez devesse ter incluído isto em minha fala. Mas me ative, por hoje, já que tenho outras vezes para falar, ao tema que dei para a conversa de hoje – *De Lenda em Lenda* – que esperava que o eco das palavras lembrasse a vocês que estou fazendo aí *delenda*, em lenda: que se faça uma destruição para outra lenda, que se crie a partir de uma instituição *delenda*, outra lenda. Mas a questão colocada é importante porque é a temática do congresso e faz parte dessa renovação de que estou falando. Citei as ciências em geral e pretendia deixar isto, a particularidade, para depois. Mas vamos começar a entrar nela.

No seio dessas pesquisas, dos achados e das teorizações que venho dizendo que dos anos 80 para cá começam a emergir, estão justamente novas perspectivas psiquiátricas e psicológicas. O desenvolvimento da pesquisa em fisiologia, em estruturação cerebral, em clínica psiquiátrica, etc., tem trazido uma série de informações que deve ser levada em consideração. Por outro lado, a psicologia que, de certa maneira depreciativa, é tratada como adscrita estritamente ao imaginário pela maioria dos lacanianos, precisa também ser conhecida em seus desenvolvimentos. Uma coisa é eu abandonar determinado conhecimento porque cheguei à conclusão de que ele não é uma ferramenta afiada. Outra, com a desculpa de ser interessado em psicanálise e, sobretudo, laciana, me dar ao luxo de desconhecer a psicologia. Coisa que não ocorria jamais a um Freud, desconhecer a psiquiatria e a psicologia, nem a um Lacan. Mesmo porque, se tomarmos, no caso de Lacan especificamente, a construção de sua teoria, ela depende, de começo, de seu lugar psiquiátrico, de onde pôde passar a Freud no abandono da psiquiatria de então, que lhe parecia exígua. Sendo que, hoje, há uma série de descobertas que precisamos, no mínimo, averiguar se elas se mantêm no regime manipulativo que parece ter a psiquiatria até agora – para isto, temos psiquiatras ao redor –, ou se os novos achados derrogam alguns princípios da psicanálise, ou seja, em acrescentar valor a eles. Também Lacan não deixou de fazer recurso à psicologia. Não é sem conhecimento preciso da psicologia de sua época na França – no caso, Henri Wallon – que ele vai construir esse aparelho, que dura até hoje para os lacanianos, como fundamental, de constituição do sujeito no Estádio do Espelho.

Acho importante a temática que teve também interesses sociais e políticos em sua escolha, no sentido em que se queria trazer esse pessoal para perto, para conversar. Acho até que, dada a temática, poderíamos conseguir mais gente para discutir conosco. Mas tem este valor no sentido de, para começar a abrir a questão da psicanálise com os demais saberes, por

que não começar com esses que supostamente são mais próximos? Espero que a gente se encontre aí nesse campo, que os psiquiatras tenham trazido informações que possam ser cotejadas com nossos princípios e conhecimentos e que os psicólogos também o façam. Mas, sobretudo, lembrando que ser analista não é desculpa para ser ignorante. Ignorar o que acontece nessas áreas é simplesmente demissionário e bobo.

Se não há mais perguntas, quero que entendam que a resultante de minha posição, da posição que coloquei aqui, não é para ser *deprê*. Acho que é para ser euforizante.

• Sandra Dias – *Não vou lhe fazer uma pergunta. Ia lhe dizer isto em particular, mas acho que devo dizer em público. Estou imensamente aliviada com sua proposta e com o que hoje foi dito. Sou analista aqui em São Paulo, participei de várias instituições e ultimamente temos trabalhado num grupo de mais ou menos quarenta pessoas, à margem. Atualmente, São Paulo vive um clima – digo São Paulo, mas corrijam-me os colegas, quero dizer do que conheço, dos grupos pelos quais passei (quatro instituições) – de apavoramento diante da proposta de um representante-mor da Internacional Psicanalítica Francesa, de fundar um movimento aqui. Iniciou-se um turbilhão: Aonde vou? Onde fico? E as pessoas um tanto desesperadas: se não me encaixar em algum lugar como é que fico?*

Escutando o que você falou, fiquei imensamente aliviada porque sempre me pergunto sobre instituições, sobre analista e instituição. Para mim, me alivia intensamente poder ficar à margem e um pouco na solidão no sentido de aguentar um pouco a falta, de não ficar constantemente à procura de garantias externas. Então, quando escuto seu pedido, vejo aí, segundo seu livro Psicanálise & Polética, uma estratégia, algo da ordem da Polética. É assim que escuto e gostaria de dizer isto a você. Gostei demais e vou passar aos meus colegas dos quais vim só eu. Vim por acaso. Não sabia que era do Colégio Freudiano, não sabia que você estaria aqui. Estava com vontade de ir ao Rio, ouvi-lo e ver o Colégio porque não me conformava que não pudessem os analistas estar numa instituição que não fossem instituições onde houvesse um mestre ou onde a polêmica não fosse possível.

Então, foi Deus quem mandou.

• P – *A Causa Freudiana acaba aqui então, mas, como você disse, é importante que se invente alguma coisa nova a partir destes seus cinco anos de existência.*

A Causa Freudiana, aquela de Freud, não tem como acabar. O que acabou foi a instituição que tinha a pretensão de zelar por isso: “Daqui pra frente, tudo vai ser diferente”...

Quero colocar que, durante esse tempo todo, fizemos tantos contatos que, enquanto Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, lá estamos à disposição de todos. Desde antes de nossa fundação institucional em 1975, temos trabalhado no sentido de disseminar alguns pontos de vista a respeito da psicanálise. Estávamos e estamos ainda sob a égide do percurso de Freud e de Lacan, mas, desde cedo, minha intenção foi de, nesse campo freudiano, tentar produzir a autonomia deste país. Não sei por que motivos a psicanálise custa a se desvencilhar de certos patrocínios mais ou menos desejáveis, não sei em que níveis, como se ela fosse propriedade de alguém. Por isso mesmo que, como disse, muito cedo, começamos na tentativa de montar um discurso próprio. Não que se vá começar com invencionices a respeito da psicanálise, mas que se tome a palavra a respeito do que existe com um máximo de autonomia possível e que se possa dialogar com os outros conjuntos estrangeiros.

A tentativa d'A Causa não foi tirada do bolso. Foi em função de um acontecimento, do agrupamento que se fez. Isto, como está publicado em discursos que tive a oportunidade de fazer por estes cinco anos em congressos, no sentido de tentativa dessa autonomia brasileira, ou dos brasileiros, em relação a toda e qualquer instituição. Acho que teve algum efeito. As consequências são de demonstrar que alguém disse que não é preciso estar pendurado nas saias europeia, americana ou outra, que aqui também se pode pensar e produzir sem esse tipo de dependência.

Não tendo no momento outra localidade demarcada para alguns brasileiros se situarem assim, coloco, por enquanto, o Colégio Freudiano do Rio de Janeiro à disposição daqueles que se interessarem em continuar neste percurso. Embora o Colégio não tenha intenção de hegemonia sobre outros locais ou instituições, está de portas aberta para qualquer brasileiro que queira percorrer este caminho junto conosco. Embora seja do Rio de Janeiro, onde é sua sede e sua praça, estando no Brasil, está de portas aberta para todos que quiserem manter relações conosco e cooperar com nossa produção. Depois, vemos o que acontece. Há que dormir, sonhar – e as coisas virão certamente.

Muito obrigado a todos.

* * *

[Fala no encerramento do Congresso, 23 outubro 1988]

Como havia dito na abertura, quero dar os parabéns a nossos amigos de São Paulo, do CEDP: Centro de Estudos e Desenvolvimento Psicanalítico, que, apesar de terem sido mal tratados na tarefa de organizar este congresso, o fizeram brilhantemente com toda perfeição. Deveriam ter sido muito melhor assessorados pelos demais colegas, foram deixados de lado por questões internas das instituições-membro d'A Causa Freudiana do Brasil, não tinham

experiência de realização de congressos maiores – e mesmo assim aconteceu o que vocês viram. O congresso valeu.

Haja o que houver, quero também agradecer por estes cinco anos a valiosa contribuição do Colégio Freudiano de Brasília, do Colégio Freudiano de Vitória, da Maiêutica de Porto Alegre, do Colégio Freudiano de Goiânia, e do CEDP de São Paulo, que permitiu que, durante estes anos, pudéssemos nos encontrar, conversar, conhecer pessoas, fazer um pouco de turismo pelo país, e também nos ensinar muita coisa – muita coisa que certamente vai nos permitir mudar de erro, o que é importante, se não, vira sintoma neurótico. É preciso errar de outra forma daqui para a frente.

Eu havia dito que, por diversas questões, pedia que encerrássemos por aqui este acontecimento de qualquer forma auspicioso que foi a Causa Freudiana do Brasil. E também que era preciso que alguma coisa se coalescesse para o futuro. Espero que esta experiência toda, dentro de algum tempo, permita a cada um de nós repensar tudo isso e contribuir na criação de alguma coisa nova. Certamente aparecerá alguma possibilidade.

Então, muito obrigado a todos e até a próxima, seja como for.